

# “Ortografia: ensinar e aprender”

Maria de Fátima Cardoso Gomes\*

MORAIS, Artur  
Gomes. *Ortografia:  
ensinar e  
aprender.*

Editora Ática:  
1998. 128p.

Que aspectos da ortografia são dominados primeiro pelos aprendizes? Quando se deve ensinar ortografia? O que corrigir? Como? Por quê? O que o aprendiz pode compreender? O que tem de memorizar?

O livro *Ortografia: ensinar e aprender*, lançado pela Editora Ática, na série *Palavra de Professor*, discute essas perguntas e muitas outras. Ele está organizado em duas grandes partes que se subdividem em capítulos.

A primeira parte tem como título – “Aprender ortografia”. Nesta, o autor trabalha o conceito de ortografia, o que o aluno pode compreender e o que ele precisa memorizar, e como as crianças aprendem a norma ortográfica. Sendo assim trabalha na perspectiva de se construir “um ensino que trate a ortografia como objeto de reflexão” (p.25), pois sendo sua natureza de convenção social, “tudo em ortografia é fruto de acordo social, isto é, tudo foi arbitrado, mesmo quando existem re-

gras que justifiquem por que em determinados casos temos que usar uma letra e não outra” (p.23), portanto não há por que esperar que os alunos descubram sozinhos como se escreve segundo a norma.

O autor procura, ainda, nos informar sobre como está organizada nossa ortografia, pois o seu objetivo é mostrar o que é regular e o que é irregular na estruturação da norma ortográfica, dando assim aos professores condições de organizarem melhor o seu trabalho e possibilidades de levarem os aprendizes a aprenderem os aspectos da norma que deverão ser compreendidos e aqueles que deverão ser memorizados.

Ele conclui a primeira parte apresentando resultados de pesquisas que desenvolveu nos últimos anos, com crianças de diferentes níveis sociais que estavam freqüentando os primeiros anos de escolaridade, objetivando discutir como as crianças aprendem a

\* Professora de Psicologia da Educação/FAE/UFMG e Pesquisadora do CEALE

ortografia. Uma de suas constatações chamou-me a atenção pelo fato de mostrar que as crianças não recebem passivamente o ensino de ortografia, mas, reelaboram mentalmente as informações que recebem sobre a forma correta das palavras.

A segunda parte do livro é dedicada a discutir como os educadores podem levar os aprendizes a refletirem sobre a norma ortográfica e tem como título — “Ensinar ortografia”.

Aqui, o autor propõe alternativas didáticas para o ensino da norma ortográfica. Começa fazendo uma análise crítica das práticas pedagógicas habituais que não obtêm sucesso nessa área. Depois apresenta princípios gerais norteadores para o ensino de ortografia, necessários para a definição de propostas didáticas que ajudem os aprendizes a tomar consciência das dificuldades ortográficas de nossa língua. Em seguida, relata três situações de ensino-aprendizagem e discute alternativas didáticas que se têm revelado eficazes. Essas atividades estruturam-se a partir de textos, a partir de atividades de reflexão sobre as palavras fora de textos e usando o dicionário e revisando as produções infantis, respectivamente.

Termina essa parte fazendo uma reflexão sobre algumas questões: O que corrigir? Por quê? Como? Qual o significado das situações de auto-correção e das situações em que o aluno revisa os trabalhos de um companheiro? Na página 120, há uma reflexão que considero importante ser reproduzida pois é uma mostra de como este livro pode nos levar a pensar e modificar o ensino da ortografia que vem sendo praticado em muitas escolas brasileiras: “Defendi há pouco que devemos revisar todas as produções dos alunos que vão cumprir um circuito comunicativo, isto é, aquelas que terão como destinatários leitores reais. Mas nunca proporia que tentássemos fazer o mesmo com tudo o que as crianças escrevem no dia-a-dia. A experiência nos sugere que é preciso não se angustiar: é impossível (e pouco eficaz!) querer corrigir tudo,

sempre. O aprendizado da ortografia é um processo gradual, complexo, que requer tempo e que, como vimos na primeira parte deste livro, não envolve só a memória”.

O autor faz um alerta aos educadores chamando a atenção para o fato de que o que apresenta ao leitor não é um modelo a ser seguido, mas que pretende sim, “trazer à discussão *um* modo de tentar ajudar nossos aprendizes a viver — com mais prazer e sucesso — a tarefa de ‘aprender a escrever certo’.”

A leitura do livro *Ortografia: ensinar e aprender* fez com que viessem à tona indagações sobre ortografia, tem que venho discutindo com um grupo de professoras da Rede Municipal de Belo Horizonte.

Quando preparávamos um curso para coordenadores de 1º ciclo, cujo tema abordava os “Desafios da alfabetização na perspectiva do letramento”, definimos que um dos estudos a serem explorados seria sobre ortografia. Ao planejarmos como seria realizado esse estudo, uma pergunta surgiu e foi motivo de discussão de uma boa parte de nossa reunião: será que não temos que “inventar” um outro termo para dizer das produções ortográficas dos aprendizes? A palavra **erro** já vem carregada de significados que estão ligados à concepção de língua como sistema fechado, pronto e acabado, restando aos alunos reproduzi-lo, treiná-lo e memorizá-lo apenas.

Esta pergunta tem como pressuposto uma concepção de língua como sistema aberto, em construção; e uma concepção de aprendizagem da ortografia como uma tarefa de conceitualização se caracterizando como a compreensão dos princípios organizadores da língua, por parte dos alunos junto com a mediação do professor. Assim, eles criam suas próprias representações ortográficas sob o efeito de modelos, de índices parciais, de situações a que estão submetidos. Portanto suas produções não violam as normas, mas, são produto de uma elaboração intensa, produtiva

e dinâmica, o resultado de numerosas hipóteses implícitas.

Logo depois dessa discussão com as professoras da referida rede de ensino, deparo-me ao ler o livro de Artur, com o uso da palavra **erro**, sem aspas, para se referir às produções ortográficas dos aprendizes que “violam” as normas ortográficas. Qual não foi minha surpresa! Imediatamente, passei-lhe um e.mail discutindo a questão com a seguinte argumentação: entendo que do ponto de vista do padrão ortográfico estabelecido socialmente e do ponto de vista de quem já dominou as regras ortográficas, os aprendizes produzem erros ao escrever. Entretanto, do ponto de vista dos mesmos, penso que produzem variações ortográficas pois mostram que estão pensando sistematicamente sobre a língua e que portanto os “erros” não são aleatórios nem violadores, mas frutos de reflexão sobre a ortografia das palavras.

Será possível superar essa dicotomia: olhar a produção ortográfica dos alunos ora sob o ponto de vista do padrão ortográfico, ora sob o ponto de vista de quem aprende? Discutir ortografia do ponto de vista da norma culta e do ponto de vista dos aprendizes nos “obrigaria” ao uso de outras palavras que digam melhor daquilo que estamos realmente dizendo? As palavras têm o poder de dizer tudo o que queremos?

A discussão sobre o uso da palavra “erro” sem aspas e se temos que “inventar” outro termo para dizermos do processo de construção deste objeto de conhecimento, ortografia, não termina aqui. Por isto, antes de finalizar quero recomendar a leitura dessa obra que além de discutir conceitualmente o objeto de conhecimento ortografia, apresenta propostas de intervenção junto aos alunos muito interessantes para a prática de sala de aula.

